

PRESS RELEASE – Apresentação do Livro:

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO ATIVO POLÍTICO, de Monica Villela Grayley

“Falar português é pertencer a uma pátria virtual e universal”.

Rio de Janeiro e Nova Iorque, **15 de outubro de 2022** – Um libelo sobre a Língua Portuguesa e sua importância no mundo através de uma política efetiva que resgate seu papel conquistado com as navegações portuguesas a partir do Século XV, quando se tornou o primeiro idioma globalizado do mundo.

Este é o fio condutor do livro ***A Língua Portuguesa como Ativo Político: um Mundo de Oportunidades para os Países Lusófonos*** da cientista política e jornalista brasileira, **Monica Villela Grayley**, que será apresentado, no dia **27 de outubro, no Auditório da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Lisboa, Portugal, com uma introdução do Secretário-Executivo da organização regional, Zacarias da Costa.**

Em uma linguagem jornalística e psicossocial vibrante, Monica defende que uma estratégia universal de promoção do português pode render dividendos políticos e econômicos para Estados e cidadãos. Em quase 200 páginas, ela conduz o leitor a um mergulho nos mares da lusofonia viajando por suas raízes na África, nas Américas, na Ásia e na Europa. Para a autora, o Weltgeist da lusofonia, “o modo de ver o mundo em português” oferece mais-valia no sistema multilateral e nas novas relações de poder.

Num estudo comparativo, a autora analisa ainda os casos da francofonia e da hispanofonia que transformaram suas respectivas línguas em plataformas bem-sucedidas de afirmação política. ***“Falar português é pertencer a uma pátria virtual e universal. A Língua Portuguesa oferece um mundo a ser navegado com curiosidade, propriedade e estratégia”***, frisa Monica Villela Grayley

Pesquisa minuciosa aliada à vivência profissional

A obra baseia-se na pesquisa de doutorado da escritora sobre a internacionalização da Língua Portuguesa e as relações políticas e de poder entre os países lusófonos. Jornalista internacional há mais de três décadas,

Monica Villela Grayley ouviu falantes, escritores e legisladores além de chefes de Estado e Governo, que lidaram com o tema num contexto macropolítico.

Durante quatro anos, ela analisou declarações de Chefes de Estado e Governo dos países de Língua Portuguesa, entrevistou professores, cientistas sociais e escritores como o moçambicano Mia Couto, e o ex-presidente de Portugal, Jorge Sampaio, além de professores e diplomatas junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O Secretário-Executivo da CPLP, Zacarias da Costa, afirma: “A obra de Monica Grayley enfatiza o papel agregador da língua portuguesa e relembra-nos as enormes potencialidades do nosso idioma comum, enquanto língua de mobilidade, de cooperação, de cultura, de negócios, de produção científica; enquanto língua que permite a união de diferentes formas de ser, de estar, e ver o mundo. A autora convida-nos a aprofundar nossa reflexão sobre a forma como essas potencialidades devem ser exploradas e convertidas em verdadeiras oportunidades para todos os falantes da língua portuguesa.”

A obra é prefaciada pelo ex-primeiro-ministro da Guiné-Bissau e ex-secretário-executivo da CPLP, Domingos Simões Pereira. Mia Couto, por exemplo, defendeu a proposta de ‘lusofonias’ ao lembrar que o espaço geográfico do português inclui dezenas de línguas locais e nacionais.

“Observei e estudei casos de falantes nativos, pessoas que usam o português como língua de herança, como língua estrangeira, como língua segunda. Analisei a situação do português nas diásporas e como alguns pais, no exterior, se esforçam para que os filhos falem e escrevam na norma culta. Conheci também casos de formadores que desistem do esforço por falta de apoio pedagógico onde vivem”, salienta Monica Grayley.

A autora frisa que, no universo das línguas românicas mais faladas, o português é a única que ainda não tem um programa de promoção assumidamente estratégico. **“Em termos de política da língua, a lusofonia ainda é vista bem atrás da francofonia e da hispanofonia, mas isso tem começado a mudar. Uma prova é a criação do Instituto Guimarães Rosa, no Brasil, e o crescimento consolidado do Instituto Camões, o maior instituto de língua portuguesa da lusofonia. Num esforço coletivo, este quadro pode**

ser revertido pelos Estados de Língua Portuguesa numa decisão que beneficiará a todos e ainda promoverá ativos culturais, econômicos e políticos de cada país “, destaca.

Monica recorda os Planos de Ação endossados pela CPLP como o de Brasília, o de Lisboa e o de Díli. *“Já temos o mapa de navegação. Agora é hora de estabelecer os portos de promoção em novas áreas e de fortalecer as ações de sucesso gerando uma execução estratégica com urgência”*, complementa.

Estratégia em prol da língua e da autoestima linguística

Em um plano de ação estruturado em 20 pontos, a autora propõe uma parceria dos Estados com os falantes interessados, especialmente os que vivem nas diásporas como Estados Unidos, Reino Unido, da França, do Japão ou da África do Sul, para mencionar apenas algumas. *“As diásporas têm poder de compra, têm poder político e de mobilização real que podem ser utilizados de forma estratégica”*, diz.

Ela acredita que *A Língua Portuguesa como Ativo Político* pode ajudar a gerar um diálogo proativo, há muito necessário, sobre os valores lusófonos de tolerância, construção de pontes, amizade e na realização de um mundo melhor e sustentável.

Monica Villela Grayley quer mostrar que a execução da política da língua abrirá novas portas ao redor do globo. *“Acredito que se começarmos a tratar a língua como o tesouro que ela é, teremos um mundo de oportunidades com mais relações comerciais, cooperações política, científica e tecnológica, e ainda múltiplos intercâmbios acadêmicos, culturais e econômicos com chances reais para uma juventude que é a maior da História”*, destaca.

A autoria introduz conceitos como *commodity* linguística e autoestima linguística para despertar o interesse de estados e cidadãos pela promoção do idioma.

“Temos um verdadeiro potencial, hoje reconhecido, por países como Estados Unidos, França, Reino Unido, China, Japão, Austrália e muitos outros que seguem a CPLP como observadores e atores políticos e macroeconômicos. Precisamos agora, nós mesmos, redescobrir o potencial desta língua comum e o peso geoestratégico dos países lusófonos.”, conclui.

Sobre a autora – Doutora em Ciências Políticas pela Universidade Aberta de Portugal e Mestre em Linguística e Ciências Políticas pela Universidade Duisburg-Essen, na Alemanha, Monica Villela Grayley tem mais de 30 anos de experiência em comunicação, jornalismo internacional, advocacy, marketing e liderança de equipes. Ex-porta-voz da presidência da Assembleia Geral da ONU, ela viveu e trabalhou em cinco países. Entre 2015 e 2016, foi diretora do Centro de Informação das Nações Unidas no México, com atuação em Cuba e na República Dominicana.

Desde 2006, é funcionária das Nações Unidas, onde chefia a redação ONU News em Língua Portuguesa. A obra, no entanto, não reflete a opinião da organização e é de inteira responsabilidade da autora.

A trajetória internacional da jornalista inclui sua atuação como redatora, apresentadora, gerente de projetos e encarregada de comunicação interna da BBC, em Londres, redatora e apresentadora part-time da Deutsche Welle, na Alemanha além de ter atuado em rádio, TV e imprensa no Brasil, onde iniciou a carreira. Em meados da década de 90, Monica trabalhou como repórter especial da Revista Manchete e como locutora-apresentadora part-time do Sistema Globo de Rádio.

Entrevistou Chefes de Estado e Governo de todos os países de Língua Portuguesa, os ex-chanceleres-federais da Alemanha, Helmut Schmidt e Gerhard Schroeder, o evangelista americano Billy Graham e o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton.

Monica fala alemão, espanhol, inglês e português fluentemente e utiliza o francês como língua de trabalho.

Para entrevistas e mais informações:

Email: portuquescomoativopolitico@gmail.com

WhatsApp : + 1 917 535 5922

Lettera Brasil Comunicação

Beatriz Cardoso

WhatsApp +55 21 996172360

